

ROCHA FEIXOTO

O CRUEL E TRISTE FADO



FIGUEIRA
Imprensa Lusitana

—
1890

UNIVERSITY OF CHICAGO
LIBRARY

ROCHA PEIXOTO

O CRUEL E TRISTE FADO



FIGUEIRA
IMPRESA LUSITANA
1896

W. H. BROWN

W. H. BROWN

W. H. BROWN
PRINTED AND SOLD BY
1857

O CRUEL E TRISTE FADO

O UNICO povo do mundo que canta o fado tem n'este a expressão flagrante e nitida das suas tendencias, da sua sentimentalidade e do seu entendimento; a sina, o acaso, a sorte que preside ao nosso destino, que determina as nossas acções e que explica os mais varios aspectos da nossa existencia, ou seja n'uma angustia collectiva, ou individualmente, atirando-nos com o pé direito á ventura ou com o esquerdo á desgraça, eis o que define o povo portuguez, eis o que n'um antropismo universal d'onde herdou ou recebeu a maioria dos seus mythos, se destaca como a caracterisca propria. E' o acaso que faz de nós ricos ou pobres; é nossa a felicidade ou a desventura no amor; é da sorte a fartura ou a miseria, a saude ou a molestia, a virtude ou o crime; é sempre o fado dominando tudo, desde o senhor D. Miguel que o batia, até ao povo a gemel-o!

O nomadismo arabe que nos ficou no sangue encontrou, em condições geographi-

cas especiaes e em circumstancias historicas fortuitas, meios facéis de se expandir, de ser assimilado pela casta isenta d'essa herança e de se transmittir, ao diante com crescente intensidade. Soffreado nas primeiras tentativas da constituição d'uma nacionalidade, mercê da energia e do entendimento dos primeiros monarchas, a povoarem as manchas incultas, a fazerem arrotear o solo, a fixarem a gente á terra, atrazada ia ainda a grande obra politica d'um grande ideal e já ao rematar a primeira dynastia um lindo principe impedia a marcha d'esse trabalho tão sabiamente encetado, mas ainda rude a proseguir e com paciencia. A inconstancia do seu coração, as suas inverosimeis correrias guerreiras e os caprichos e intrigas em que o envolvia a esposa, a cujo fadario unira o seu, irritaram por vezes o povo n'um clamor de prudencia e de juizo. Mas os primores d'uma rara destreza mascula. o seu trato amavioso e doce, a sua bondade prodiga, attenuavam os impetos da plebe ao cahir d'uma desgraça — que o que tem de ser tem muita força.

Enraizou o precedente, e a mescla ethnica que mandava, dirigiu a actividade governativa para as conquistas em Africa. O bom successo das primeiras aventuras fez explodir na alma portugueza o que n'ella havia de indole errante e moura, pois o captiveiro do Infante Santo, nunca liberto por falta de dinheiro, esquecera ou explicava-se: cumpria

o seu fado. A pouco e pouco vai crescendo a ancia de viagem; terras novas, paisagem exotica, riqueza e dominio, tocam a ambição geral.

No principio, aos mais ousados, acompanha-os, dos que ficam, a esperança, a curiosidade e o desejo de que Deus os fadabem; mas breve a narrativa quente das façanhas impulsiona os timidos e os prudentes e tudo quer emigrar, n'um impeto de agarenos, com a miragem do poder e da fortuna.

Entretanto a patria despovoa-se; uns são navegantes, outros em guerras insensatas, que, para as promover, obrigam á venda das pratas das egrejas e, entre outros males, dizem ou os grandes espiritos como o infante D. Pedro ou os homens válidos que ainda restam. Porque estes já são poucos e para a campanha e para os navios forçoso é recrutar gente mercenaria no estrangeiro.

As riquezas da India produzem um verdadeiro deslumbramento. O espirito da aventura alastra de tal sorte, que parece pairar na terra portugueza um delirio das grandes collectivo. Tudo quer ser marinheiro, mercador, traficante, pirata; o solo fica quasi abandonado; nem pão ha que chegue para os que ficam; nem sequer existe quem teça um vestuario; um rei mesmo, o Venturoso, manda vir estrangeiros para construir as galés!

acabam

Mas a fonte exhaure-se; e o aventureiro que dissipara tão rapido como facil lhe fôra ϕ adquirir, porque — ai! para amanhã Deus dará — escusa de continuar errando. Como vivemos? De que dependemos? Dos vovens da sorte!

Chega a peste! A miseria é tragica e á terra não ha apêgo. Tudo falta, nada se sabe e para mandar vir os necessarios lá de fóra já não ha os galeões e as caravellas com as especiarias do Oriente. O que tinham conduzido e que parecia jámais cessar de vir, sumia-se para sempre. E na resignação da pobreza só a lição assente fica de que esta vida é um desengano!

Com o que restava de válido ainda se apprehendeu a infausta conquista de Marrocos. Mas tudo denunciou, desde logo, mau agouro e pelos espiritos correra um como que fluido de má sina e de presagio. Dias antes, na capella real, cantara-se um rimance que dizia a desditosa crueza final do ultimo rei godo; e a espada de D. Affonso Henriques, que D. Sebastião pedira aos frades de Santa Cruz, esquecera no navio! A fé na victoria oscillava na massa; a um tempo, a duvida e o presentimento da boa sorte precipitava o desbragamento e o goso antecipados. Diz um chronista que as mulheres, nos seus leitos, esqueciam demasiado que os maridos ainda estavam vivos n'outras plagas. E o certo é que até ellas aborreceram; em Lisboa a pederastia assumiu um character

epidêmico! Ora os reis, como as mulheres, também correm o seu fado; estas lá vão dar, de queda em queda, na má vida; o monarca epilógou a sua chimera, com a morte, na Moirama!

Ao annexar o nosso territorio, a Hespanha encontrou um povo gáfo, terra inculta e, para o tempo, uma assombrosa divida pública; nem lavoura nem industria; a fidalguia, n'uma penuria de indigentes, prostituia-se e entregava-se; só a religião esplende, fervorosa e erotica. Rei hespanhol, rei portuguez, ao povo tanto se lhe dá. Não ha mares desconhecidos a atravessar e opulencias novas a descobrir? A vêr! E' estreita a patria para um esforço com perigo mas afortunado.

Recuperada a independencia, a ruina mais cresceu com a prolongada guerra a manter por tantos annos. O povo vai, sem affeições e sem estimulos; não abandona elle Affonso VI acceitando, em substituição do malfadado, o monarcha que assassina de vez a industria nacional em Methwen?

Mas chega a noticia do oiro e das pedrarias do Brazil. Emfim! Depois da tempestade a bonança! E ahi surgem as correrias, ahi está, dominando alto e forte, o que nos legara o strato sarraceno. O exodo realisa-se com demencia, com volupia; que a alma aventureira portugueza não é feita para o medo das febres da Terra Quente ou da desolação do Mar Coalhado! O dinheiro

abunda, dissipa-se, lança-se fóra. O rei Magnanimo malbarata-o em piedade e em luxuria. É um fado bregeiro por esses ventos fóra.

A obra de Pombal falha, como falhou a de Ericeira, a de Gusmão, a de Castello-Melhor. Desgraçadamente já é tarde para utilizar o manancial americano, creando com elle o trabalho nacional, e, derivivamente, o amor da terra, um ideal politico, uma solidariiedade de povo, um orgulho de raça. O caminho do Brazil está aberto para jámais se fechar; até D. João VI, o jagodes, a demanda, essa terra que o portuguez desejou e desejará sempre lhe deixem franca contando que exercerá lá uma actividade que aqui não lhe acode ao infortunio, inconscientemente, no seu sangue, o fatalismo arabe como um jugo, a indole aventureira repuxando.

*

Tudo entre nós corre o fado, os navegadores e os lobis-homens, as bruxas e as rainhas; e cada um de nós, chegada a tyranna morte, tem acabado o seu fadario. N'esta fé cega, que o genio e a vida portugueza explicam, a lassitude na iniciativa, a carencia de um ideal colectivo, o alheamento do povo na obra politico-economica dirigente, comprehende-se na nação entontecida de grandezas ou resignada nos desastres que só attribue ao destino. Nunca o povo portuguez

se occupou das revoluções na sciencia e nas artes, nunca o uniu o sentimento consciente e altruista de nacionalidade. Clamores isolados, pequenas revoltas, é nada; o scepticismo d'hoje é o de sempre. Contra o descalabro da patria e na ruina propria não reage nem combate; espontaneamente, nunca reagiu ~~num~~ combate. Foi heroico por dever, se o mandavam, que quanto a si apenas pede que o deixem emigrar, sem protesto, resignado, ou a ceu aberto, ou occulto n'um porão, em saccos, em pipas, em caixões.

Portanto, o fado e o que n'elle se diz de sonho, de sombra, de amor, de ciume, de ausencia, de saudade e principalmente de conformação com o crú e negro imperio do destino, eis o que exprime dramaticamente a feição da alma nacional. O fado é portuguez, é toda uma mentalidade, é toda uma Historia. Na nossa tradição raro se surpreendem ou descobrem manifestações cerebraes que não se filiem no animismo ou nos cultos polytheistas e idolatricos d'outros povos.

A zoolatria, a phylotatria, o helismo, até as qualidades e vontades humanas attribuidas a objectos reaes ou a ficções, como a vida ás coisas e os sentimentos aos animaes, nada é nosso. Os themas fundamentaes da lyrica popular, quando decalcados da mythologia e ainda se occupam de sentimentos triviaes, denunciam, com frequencia, recur-

grandes

num / n

ly / phal

se

se

sos de expressão e harmonia e belleza de rythmo; mas ou se encontram parallelos na terra extranha de raça affim, ou se desvenda a via transmissora. No nosso romanceiro nada ha cujo thema não seja celtico, romano ou universal. Se a genese do romance peninsular está por conhecer, teem já averiguado folk-loristas e philologos, que os que nós cantamos nos chegaram pelos cruzados, romeiros ou jograes.

Remodelações, apenas, adaptações; nem um, primitivo e patrio!

A poesia epico-lyrica portugueza, para os que a estudaram n'um fim de manifestação espontanea e typica d'este povo, preoccupa-os hoje pela feição dialectal da linguagem!

Portugal tem pois e apenas, de genuinamente seu, o fado; o fado para a folia, para o amor, para a amargura e até para a morte, em choradinho z'i á beira do sepulchro! N'um mesmo schema metrico, de norte a sul, d'antes, hoje e sempre, o povo enquadra todas as suas ideias e sentimentos, todos os factos, n'essa melopeia derrancada que só pode gestar-se n'um paiz que nunca foi mais que uma ruina, raço com lampejos de uma opulencia fruste. Ignez de Castro e a Severa, o bem e o mal, o rosto da lua e as vozes do echo, além-tumulo e a redemção, a paixão, a desdita, o ciume, a vingança, até o Pobre Portugal, tudo se canta n'um mesmo rythmo, n'uma musica de pequenas va-

riantes, alanceada, gemebunda, irreparavel. Os que não cantam, sentem, ouvem com um prazer morbido, interpretam os sentimentos no quadro ineluctavel d'esta logica. Não decidiu o povo a sorte do rei de hoje por, a quando a coroação, a bandeira que pendia do alto de S. Domingos ter a coroa para baixo e o sceptro ficar na camara, esquecido! Só por isto; o cruel e triste fado, actuando, determinando, explicando. Quantos motivos para esses bardos sombrios se soubessem a historia da bella infanta Beringella, que, casando com Wlademario, levou do seu paiz para a Silandia, com a herança paterna de Sancho, o Povoador, a triste sorte de ficar na Dinamarca como symbolo da maldade! Cantaram-a ali os troveiros ha sete seculos, cantam mesmo hoje a desgraçada, cuja belleza, espantando ainda a insensibilidade hirta dos frios anatomistas pela incomparavel proporção e conformação dos seus despojos, não attenuou o mau fado que de cá a perseguira!

O criterio geral da sorte do paiz, a cujo governo o povo nunca deixará de ser alheio, é o do fado que correm os lobishomens, á meia-noite, nas terças e sextas-feiras, olheirentos, chupados, vágabundos, funereos: sete adros, sete encruzilhadas, setes rios, sete villas acastelladas, sete valles e sete outeiros. Uma e outra são coisas complicadas e penosas para interpretar fora do mau olhar e da crueldade irremediavel do fadario.

1e
 Hontem, ali na rua, passavam homens
 harpejando, macilentos, queixa d' o peito,
 olho em alvo, grenha ao vento, p'r'o pagode.
 Um cantava:

Se vires a mulher perdida
 Não a trates com desdem,
 Porque Deus tambem castiga,
 Não diz quando nem a quem.

conhecido mote d'um fado typico com todo
 o temperamento d'um povo lá dentro, im-
 mundo, vadio, hypocrita, malandro. Miseria
 social, miseria organica, melopeia sem en-
 canto, sem elevação, sem frescura, sem in-
 genuidade, modismo de desespero, de con-
 formação, de penitencia e de perdão, attitu-
 de e marcha, emprego da vida e ideal, tudo
 dá, ao contemplar d'estes grupos, uma no-
 ção:

—E' a patria que passa!

(Do Primeiro de Janeiro).

de 8-12-93

Tiragem especial de 50 exemplares
offerecidos ao auctor
pelos seus amigos da *Gazeta da Figueira*
Pedro Fernandes Thomaz
e
Augusto Veiga





